



**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER
LICENCIATURA EM NORMAL SUPERIOR**

CRISTIANE DE OLIVEIRA SALLES

LUTANDO POR UM SONHO QUE NÃO TINHA

Rio de Janeiro

2022

CRISTIANE DE OLIVEIRA SALLES

LUTANDO POR UM SONHO QUE NÃO TINHA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientadora: Professora Vera Loureiro

Rio de Janeiro

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S168L Salles, Cristiane de Oliveira

Lutando por um sonho que não tinha / Cristiane de Oliveira Salles.–
Rio de Janeiro: ISEPS, 2022.–
23 fl. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2022. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Professora Vera Loureiro

1. Educação infantil. 2. Formação de Professores. 3. Memória de Formação. 4. Educação de surdos. 5. Língua Brasileira de Sinais. I. Título. II. Orientadores. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.
CDD 372

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 23 de junho de 2022.

CRISTIANE DE OLIVEIRA SALLES

CRISTIANE DE OLIVEIRA SALLES

LUTANDO POR UM SONHO QUE NÃO TINHA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

ORIENTADORA

Professora Vera Loureiro

LEITOR

Professor(a)

Rio de Janeiro

2022

Dedico essa monografia aos meus filhos, Lenison, que me ajudou e muito, no primeiro semestre, ficando com seu irmão enquanto eu estava na faculdade. Dedico também ao meu caçula, Diego, que me acompanhou do segundo semestre até o final. Teve paciência várias vezes ficando com fome, aguardando a aula terminar, para eu poder fazer algo para ele comer. E no último semestre, foi meu companheiro diário nas aulas presenciais.

Dedico também a todos das famílias Salles e Galdino, por ser a primeira da família a concluir o nível superior.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e aos meus orixás, por me dar força, saúde mental e física para aguentar a correria do dia a dia. Agradeço ao meu Babalorixá Rogério de Logun Edé, que respeitou as minhas ausências nos dias que eu deveria estar presente, agradeço também a todos os meus irmãos de santo, principalmente ao meu pai ogan Caíque que fez por mim o que eu deveria fazer nas minhas ausências. Agradeço à Solange Oliveira, que muito me ajudou em algumas tarefas e que me incentivou a continuar no momento em que eu estava pensando em parar. Agradeço a cada um da turma 2019, que direta ou indiretamente me ajudou e incentivou a continuar nessa caminhada.

Sobrevivi.
Vivi sobre mim
em pedaços
morrída sobre meus próprios escombros.
Sobre mim.
sobrevivente
de mim
me ergui
sobrevivi...

(FREIRE, 2008, p. 188).

RESUMO

Por meio dessa monografia apresento minha história de formação de professora que não se inicia no Instituto Superior de Educação - Pró-Saber mas que é a culminância de uma caminhada. Apresento as disciplinas que marcaram minha trajetória, especialmente Libras e Alfabetização Cultural. Houve uma transformação enorme na minha maneira de trabalhar após esses conteúdos terem sido compartilhados, e foi na turma de 2019 que vivenciei a relação entre teoria e prática. Para embasar o trabalho, trago as contribuições das autoras Madalena Freire, Vera Regina Loureiro, Maria Cecília de Almeida, entre outros que muito contribuíram na minha formação, e na elaboração desse trabalho, dando embasamento e um referencial para que eu pudesse mudar a minha prática em sala de aula.

Palavras-Chave: Surdos. Língua Brasileira de Sinais. Diferença. Deficiência. Alfabetização Cultural.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. MERGULHANDO NO PASSADO PARA ENTENDER O PRESENTE	11
2. VIVENDO UMA REALIDADE DIFERENTE	13
2.1 Descobertas sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS	14
2.2 Conhecendo a Alfabetização Cultural	17
3. OLHANDO PARA A PROFISSIONAL QUE ME TORNEI	20
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	23

INTRODUÇÃO

Desde os meus quatorze anos trabalho com crianças, pois foi com essa idade que fui morar com a minha mãe de criação que tinha uma escolinha onde ela me colocou para ajudá-la. Quando completei 18 anos, fui trabalhar numa creche onde fiquei somente um ano até pedir para ser mandada embora porque queria percorrer outros caminhos que não fossem a educação.

Fiz um curso de administração, porém não atuei como profissional nessa área. Em seguida, comecei a fazer um curso de enfermagem, entretanto, não consegui concluir. O tempo passou e uma creche foi construída numa região conhecida como Azul dentro da comunidade do Jacarezinho, onde também resido. Da minha casa até essa instituição eu levo cerca de quinze minutos, então, fui até a Região Administrativa do Jacarezinho, onde estavam recolhendo os currículos e deixei o meu ali na parte da manhã. No mesmo dia na parte da tarde, entraram em contato comigo dizendo que era para eu me apresentar na creche no outro dia às 9 horas. Então, aos quatorze de fevereiro de 2004 me apresentei naquela instituição onde atuo até a data de hoje.

No ano de 2009, o prefeito da época, César Maia, promoveu um concurso para auxiliar de creche, e então fiz a minha inscrição, porque sabia que eu sendo aprovada teria uma estabilidade financeira. Após fazer a prova e ver que tinha conseguido ser aprovada, me inscrevi num curso de formação de professor, porque até então eu não tinha.

Foto 1 -- Início da minha caminhada na educação.



Acervo da autora

Fui informada que no bairro de Madureira tinha (e ainda existe) uma instituição chamada Instituto Educacional Colônia do Saber – IMEC - que promovia o curso que eu precisava. Então fui até a instituição, fiz a matrícula e dei início aos meus estudos, tendo me formado, no ano de 2012, como professora de educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental. Pronto, só faltava o nível superior para realizar o meu sonho de ter uma graduação. Como já estava atuando como servidora pública da educação infantil, e tinha feito a formação de professor dentro da área, então resolvi fazer uma faculdade com especialização em educação infantil.

No final de 2011 fiz o vestibular no Pró-Saber mas não consegui ser aprovada. Anos se passaram, então resolvi voltar a estudar. Então, no dia 18 de maio de 2019, presto mais um vestibular na mesma instituição, só que desta vez fui determinada que seria aprovada. E fui.

Nessa monografia tenho como objetivos analisar a experiência vivida como aluna do Pró-Saber e a minha própria prática como professora na Educação Infantil, refletindo sobre como ambas se articulam. Para tal utilizarei algumas sínteses realizadas durante as disciplinas cursadas e o referencial teórico do curso, bem como fotos que possam servir para realizar essa lembrança.

1 MERGULHANDO NO PASSADO PARA ENTENDER O PRESENTE

No dia cinco de agosto de 2019, iniciou-se o meu primeiro período de muito aprendizado e que mudaria o meu jeito de viver. Neste primeiro ano de formação houve um resgate da pessoa que sou, um ser pensante, que fala, reflete, registra e recupera a minha história como educanda.

As aulas em um todo promoveram a minha conscientização através dos conteúdos trabalhados sobre a minha vida pessoal e profissional. Pessoal, porque há uma volta ao passado, às lembranças, às histórias e memórias enquanto ser humano e também como aluna que outrora fui. E foi assim que através de cada aula, fui recuperando alguns fios de meadas das brechas e cicatrizes deixadas em silêncio, e que aparentemente estavam apagadas pelo esquecimento.

E durante todo esse primeiro ano de formação, comecei a entender o porquê que muitas das vezes tinha, e ainda tenho, atitudes que para mim eram normais. Por mais que eu quisesse viver em grupo, tinha medo do que o outro iria pensar ou falar depois que eu me expusesse, e esse comportamento foi resultado da morte da minha mãe quando eu tinha 10 anos. Houve também a morte do meu pai, e no dia em que completaria 14 anos, estava acontecendo o seu enterro, e 5 meses depois, estava enterrando a minha avó materna. E essa fatalidade criou um bloqueio com a sociedade.

Quando minha mãe morreu
Morreu também (pedaço) de meu pai
Ficando o (outro) pedaço
Quando minha mãe morreu.

Quando minha mãe morreu
Ficou um pai (pedaço) conhecido,
Cara, corpo, certos jeitos e
Outro pedaço (inteiro) desconhecido.

Assim fiquei
Quando minha mãe morreu,
Órfão de mãe e
(pedaço) outro, também
órfão de pai,
inteira sem mãe e
(pedaço) com pai,
quando minha mãe morreu. (FREIRE, 2008, p. 44).

Essa instituição me fez entender que não adiantava eu ter medo de viver em grupo pois, mesmo sozinha, dialogo com os outros que habitam em meus pensamentos. Aprendi que pensar envolve os outros e que se pensamos é porque alguém nos impulsionou a buscar uma resposta. Mesmo trabalhando há muito tempo com educação infantil, achava que era um período de vida das crianças que não tinha muito para trabalhar.

Não tinha noção do quanto essas crianças tão pequenas tinham e têm para ensinar. Que é através da brincadeira que posso construir atividades que as façam interagir, assegurando-lhes os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se.

Entretanto, depois de conhecer a metodologia deste curso, passei a olhar os meus alunos com outros olhos. Um olhar mais observador, mais atento, mais questionador. E todas as aulas desse curso me deram uma base para essa transformação. Observar, planejar, registrar, refletir e avaliar são os pilares dessa instituição que muito contribuiu para o meu crescimento profissional e pessoal, já que enquanto educanda convivi com educadores autoritários.

Em algumas aulas, principalmente as de "Instrumentos Metodológicos" com a professora Priscila Almeida, tive que, muitas vezes, me desconstruir para me reconstruir, mas nunca esquecendo o que ficou pra trás, mas sim entendendo o passado para viver melhor o presente e construir um futuro diferente.

Foto 2 – Meus pais e minha avó

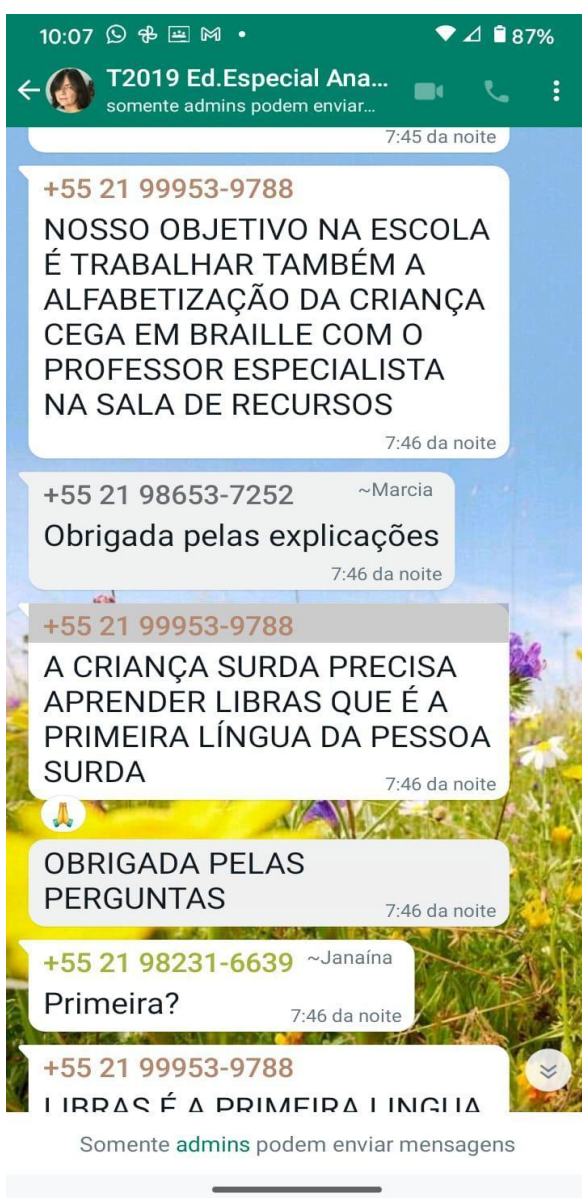


Acervo da autora

2 VIVENDO UMA REALIDADE DIFERENTE

Devido à pandemia da COVID-19, tivemos que mudar a nossa maneira de estudar. No dia 13 de março de 2020, fomos comunicados que as aulas seriam suspensas por um determinado tempo e que a instituição iria nos comunicar como iríamos continuar os nossos estudos. Passados alguns dias, foi anunciado que iríamos estudar via *WhatsApp*. Fiquei me perguntando como seria isso, mas enfim, era a única forma de continuarmos os nossos estudos e assim foi o semestre inteiro.

Foto 3 – Nossas aulas pelo whatsapp eram assim.



Acervo da autora

2.1. Descobertas sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS

Essa disciplina me proporcionou conhecimentos sobre a surdez e as necessidades especiais de uma criança surda. Nos apresentou procedimentos metodológicos, adaptações curriculares e os fundamentos básicos da Língua Brasileira de Sinais. No dia 05 de março de 2021, tive a minha primeira aula de LIBRAS ministrada pela professora Vera Loureiro, Nessa aula aprendi que os surdos têm o mundo deles, que eles sofreram agressões físicas por se comunicarem com as mãos (LACERDA, 1998) e, através do vídeo “Somos diferentes de você?”¹, entendi que a única coisa que muda é a forma de se comunicar.

Já na aula do dia 12 de março, aprendi que somos todos iguais em nossa humanidade, mas que possuímos características que nos diferenciam, não nos diminuem e, por isso, não devemos chamar os surdos de deficientes auditivos. Eles não são deficientes, têm uma experiência visual do mundo, falam outra língua, a Língua de Sinais, e se constituem identitariamente a partir dessa língua visual-gestual. Por isso, não devemos falar “deficientes auditivos” em contraponto a “pessoas normais” e sim, surdos e ouvintes.

Foto 4 – Primeira aula de Libras. Reflexão sobre colocar-se no lugar do outro.



Acervo Profa. Vera

Boaventura de Souza Santos (1997) nos faz refletir quando afirma que:

¹ O vídeo está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=efudeZSsMs8>. Acesso e4RTSEZDYGWm: 21 jul. 2022.

[...] as pessoas e os grupos sociais têm o direito a ser iguais quando a diferença os inferioriza; e o direito a ser diferentes quando a igualdade os descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades. (SOUZA SANTOS, 1997, p. 122)

Pessoas como: Alexandre Graham Bell, cientista e inventor que defendeu a oralização das pessoas surdas; Jean Itarde, primeiro médico que se dedicou de maneira mais profunda à surdez; Helen Keller, surda e cega aos 7 anos, e sua história conhecida em todo o planeta (foi escritora, conferencista e ativista social); Thomas Braidwood, que fundou a primeira escola para pessoas surdas na Escócia; Thomas Hopkins Gallaudet, importante educador que fundou uma escola para surdos nos Estados Unidos, em 1817, e também foi determinante para a criação da Língua Gestual Americana; todas essas têm importância na história dos surdos e de sua educação.

Foi um semestre de muito aprendizado e, na aula do dia 26 de março, aprendi que o surdo não é deficiente e sim, diferente. Os médicos, com a sua visão clínica, denominam o surdo como deficiente, já os antropólogos e linguistas os vêm a partir de uma abordagem socioantropológica, denominando o surdo como diferente. Entendem que eles apresentam uma marca identitária e, nessa visão, há respeito pela diferença de funcionamento do sujeito e compreensão de que a percepção de mundo dos surdos é visual. A identidade deles é constituída a partir de uma língua visual-gestual e não oral-auditiva. (LOUREIRO, 2004).

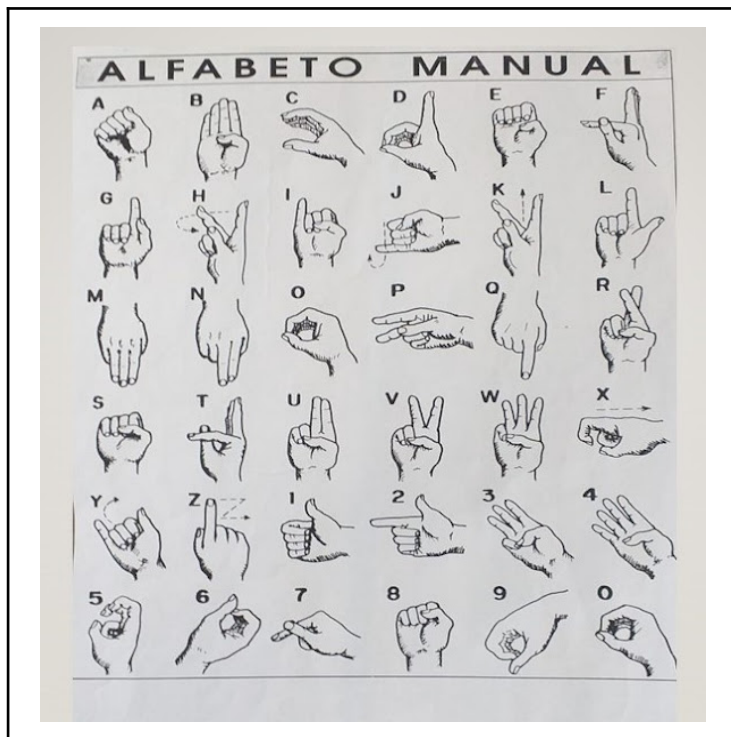
William Stokoe, primeiro pesquisador de língua de sinais, em seu livro “Sign Language Structure”, em 1960, comprovou que a Língua de Sinais Americana atendia a todos os critérios linguísticos de uma linguagem genuína, no léxico e na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de proposições (SACKS, 1990, p. 94).

No dia 09 de abril, tive mais um aprendizado. Os surdos se comunicam também através da expressão corporal e facial; o alfabeto não é a língua, mas uma forma de representação e se chama alfabeto manual. O mesmo é usado somente para nomes próprios. A professora Vera nos falou que a língua é composta por sinais, expressões corporais e faciais e ainda pelo alfabeto.

O mais interessante é que eu achava que LIBRAS fosse usada em qualquer lugar do mundo, mas não. LIBRAS OU LSB – Língua de Sinais

Brasileira, é a língua de sinais do Brasil; ASL – American Sign Language, é dos EUA; e LSF – Langue de Signe Française, é da França. (LOUREIRO, 2004).

Foto 5 – Alfabeto manual usado pelos surdos.



Uma coisa muito interessante que aprendi nessa aula também foi que a língua de sinais é considerada uma língua verbal, pois verbal é sobre usar uma língua e não mímicas. LIBRAS quer dizer Língua Brasileira de Sinais, mas eu pensava que verbal era somente aquilo que se falava.

Além dessa disciplina, uma que nos acompanhou o curso inteiro foi a de “Alfabetização Cultural”, com a professora Melissa Lamego.

2.2. Conhecendo a Alfabetização Cultural

Segundo a autora Maria Cecília Almeida e Silva (2013) em seu livro Pró-Saber - Imaginação e conhecimento:

A alfabetização cultural visa favorecer-lhes experiências de inserção no mundo cultural e artístico. As atividades propostas buscam, por meio de experiências pessoais, proporcionar um mergulho nas diferentes linguagens artísticas, ampliar a inserção no espaço público cultural, provocar o estranhamento em relação aos conhecimentos consolidados, despertar a vontade de saber mais sobre as formas que adultos e crianças têm de se expressar no mundo e sobre

o mundo, entrelaçar a memória individual com a memória coletiva e com a História, problematizar o conceito de cultura e as concepções de arte e cultura presentes nas instituições de Educação Infantil, ampliar as possibilidades de mediação da relação das crianças com os ambientes culturais, analisar criticamente produções culturais voltadas para o público infantil, descobrir e planejar maneiras de ampliar a experiência das crianças com diferentes manifestações culturais. (ALMEIDA E SILVA, 2013, p. 29);

Foto 6 – Nossa primeira aula de Alfabetização Cultural em 2019.



Acervo da turma 2019

Essa disciplina me levou a passear, a conhecer o Rio de Janeiro, sem sair do lugar. Devido a pandemia que nos acometia, estávamos estudando de forma remota. Nessa aula já estávamos usando o aplicativo meet e, então, através de fotos, pesquisas feitas por mim e por cada um da turma, conheci um pouco de cada lugar, como o Cais do Valongo, A Ilha Fiscal e o Largo de São Francisco que, em sua origem, era apenas uma lagoa fora dos muros da cidade, à altura da antiga Rua da Vala (hoje Rua Uruguaiana).

Na aula do dia 18 de março, ao redigir a síntese, me imaginei fazendo pesquisas desses lugares e contando as histórias para as minhas crianças de uma forma bem infantil, com bastante imagem, para que assim, se porventura algum deles passassem por perto, pudessem reconhecer. E conforme fossem crescendo, eles poderiam ter noção dessa rica história da cidade onde vivem e, assim, sentirem-se familiarizados.

Hoje tenho a resposta à pergunta que fiz lá no primeiro semestre: “Em que a Alfabetização Cultural acrescentará na minha formação como professora da

Educação Infantil?” Pois bem, além de aumentar o meu conhecimento sobre esse lugar em que vivo, me ajudou a ajudar quem está à minha volta.

Foi então, no segundo semestre de 2021, quando algumas instituições começaram gradativamente com as aulas presenciais, que a colega lanca levou sua turma para o Mercado de São Paulo. Isso mesmo! Mercado de São Paulo. O planejamento dessa viagem foi da seguinte maneira: a instituição onde a mesma atua, estava trabalhando o Estado de São Paulo com as crianças de maternal 2, no projeto anual, e as crianças tiveram a oportunidade de conhecer muitos pontos turísticos da cidade por meio de fotos e diferentes recursos visuais. Nessa aventura, buscaram falar sobre os meios de transporte e quais poderiam usar para chegar a este município. A turma de pré 1 foi de avião, a do pré 2 foi de balão, o maternal 1 foi de barco e o maternal 2 embarcou com o pré nesta viagem de avião, com direito a passagem aérea e tudo na primeira classe, assim pararam nos pontos turísticos e fizeram compras.

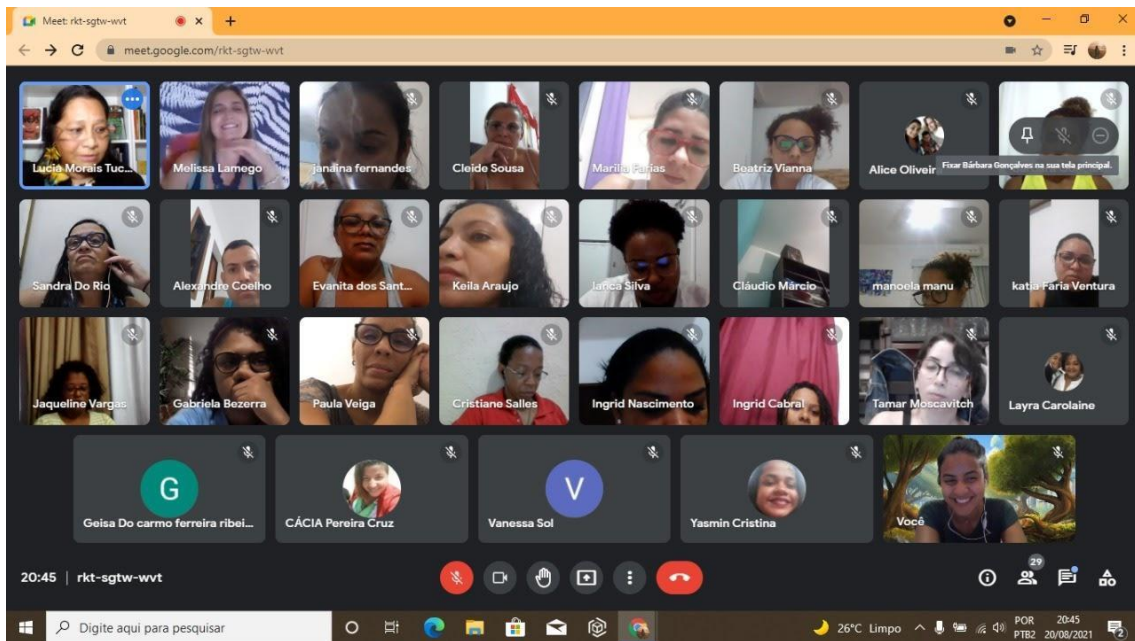
Para que as crianças pudessem ter noção de tudo, lanca levou fotos dos lugares por onde iriam passar e compartilhou com a sua turma. Depois que todos se familiarizaram, foram confeccionadas as passagens para que as crianças pudessem conhecer os pontos turísticos e também o avião. Marcaram o dia da viagem!

Uma parte do pátio da escola foi arrumada como o mercado, porém com as fotos já apresentadas. Essa aula da lanca me ajudou a colocar em prática o que eu outrora já tinha pensado, pois sabia como apresentar para as crianças, porém não tinha noção que poderia ser tão divertido. Aprendi isso no grupo.

Segundo Madalena Freire, em seu livro Educador (2008), inspirada em Pichon-Rivière:

Grupo é quando um conjunto de pessoas movido por necessidades semelhantes se reúne em torno de uma tarefa específica. Isso significa, também, que cada participante exercitou sua fala, sua opinião, seu silêncio, defendendo seus pontos de vista. Portanto, descobrindo que, mesmo tendo um objetivo mútuo, cada participante é diferente. Tem a sua identidade. (FREIRE, 2008, p. 97).

Foto 7 – Aula com Melissa Lamego pelo meet



Acervo da Autora

3 OLHANDO PARA A PROFISSIONAL QUE ME TORNEI

As aulas do Pró-Saber contribuíram na minha formação pedagógica e fizeram com que eu entrasse em contato com os saberes específicos da profissão, me tornando assim uma profissional com mais atenção, mais acolhedora e mais sensível ao olhar para um aluno. Foi ali que também que aprendi a viver em grupo, sem medo de me expressar sempre que há possibilidades e, através da disciplina de LIBRAS, também vi o meu desejo de continuar meus estudos crescer.

Devido ao contato direto com a arte em suas diferentes manifestações - cinema, teatro, balé, exposições, mostras de poesias, fotografias, etc, a alfabetização cultural também mudou o meu modo de olhar para a cultura como um todo. Segundo Madalena Freire (2013, p. 45): "Estudar, se estuda sozinho; construir conhecimento, só em grupo". E foi exatamente o que aconteceu comigo, hoje sei que posso ir a qualquer lugar e ainda levar meus alunos junto comigo.

Atualmente, me encontro marcada por uma competência de mudar, por um aprendizado, por um conhecimento, por uma construção de mudança e de história. Me vejo mais capaz de construir a minha história, deixando a minha marca.

Me sinto mais segura ao executar a prática, pois, antes, fazia por fazer; porque me ensinaram, ou porque eu vi alguém fazendo, e agora eu tenho fundamentos que foram aprendidos no decorrer desses 3 anos. Estudar a própria prática foi algo que teve que ser bem desenvolvido, e foi através das aulas que aprendi a ser um leitor do mundo, a enxergar que preciso buscar o que está por trás daquilo que estou vendo na minha prática.

A observação, a reflexão acerca da relação prática/teoria, a avaliação e o planejamento são instrumentos que não me vejo mais trabalhando sem .

Foto 8 – Dia em que eu consegui enxergar que essas crianças são capazes de receber todo aprendizado que tive no Pró-Saber.



Acervo da autora

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Pró-Saber me mostrou a importância da minha identidade, contribuiu para que houvesse uma transformação na minha maneira de agir e pensar, a partir do momento em que me vejo na fala do outro. Me fez entender que a minha infância foi com base numa concepção autoritária, onde o professor era a única pessoa que naquela sala sabia de tudo e que eu só estava ali para receber um saber já pronto. Ao entender que não fui ensinada a refletir, a pesquisar e a expor o que pensava, a aprender a olhar para mim e a romper com esse modelo autoritário em que fui educada, comecei a me esforçar para mudar o meu modo de viver.

Com isso levo para a minha vida esse olhar mais atencioso que aprendi a ter. Vou em busca de me aperfeiçoar em uma outra língua, a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Quero ser um diferencial para mim mesma e para todos aqueles que passarem na minha vida, assim como sei que ficarei na história da turma 2019 por levar todos os dias o meu filho de 8 anos para a faculdade, pois não tinha com quem deixá-lo, e para que eu não deixasse de estudar e pudesse, assim, concluir esse curso.

Madalena Freire, em seu livro Educador (2008), diz que o desejo é energia, e que para se ter energia é necessário assumir a agressividade na busca da falta, da dor e do prazer da felicidade.

Desejo
Desejo é energia.
Para ter energia é necessário assumir a agressividade na busca da falta, da dor e do prazer da felicidade.
Viver a própria agressividade é sintoma de vitalidade.
Fazer e sofrer agressões acontecem quando nego; não exercito minha agressividade quando me omito do meu desejo, minha energia de vida. Quando silencio. O silêncio, muitas vezes é a mais apurada arma de violência, de hostilidade, contra mim mesma e o outro.
Essa é uma prática muito comum entre educadores na escola. Quando desistimos tão facilmente de nossos desejos e sonhos, quando nos acomodamos no mais bem comportado e mortal silêncio, omissão. (FREIRE, 2008, p. 40).

E é justamente esse desejo que me impulsiona a continuar minha caminhada de educanda, sempre em busca de mais aprendizado.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA E SILVA, Maria Cecília. A inspiração. In: GENESCA, Ana; CID, Lucia (org.) **Pró-Saber: imaginação e conhecimento**. Rio de Janeiro: Edições Pró-Saber, 2013.
- FREIRE, Madalena. **Educador: educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- FREIRE, Madalena. Estudar se estuda sozinho; construir conhecimento, só em grupo. In: GENESCA, Ana Maria Carpenter; CID, Lucia Araujo. (org.). **Pró-Saber: imaginação e conhecimento**. Rio de Janeiro: Edições Pró- Saber, 2013.
- LACERDA, Cristina B. F. de. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos**. Cad.CEDES vol.19 n.46 Campinas Set. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000300007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 21 jun. 2022.
- LOUREIRO, Vera Regina. Aquisição tardia de língua de sinais por surdos adultos: construindo possibilidades de significação e inserção no mundo social. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: **UFRJ, Faculdade de Letras**, 2004. (capítulo 3, parte 2).
- SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SOUZA SANTOS, Boaventura de. Uma concepção multicultural de direitos humanos. **Lua Nova Revista de Cultura e Política** [online]. 1997, n. 39 [Acessado 20 Junho 2022], p. 105-124. Epub. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-64451997000100007>. Acesso em: 19 nov. 2010.